



SUPERIOR GERAL DOS CARMELITAS DESCALÇOS
Corso d'Italia, 38
00198 Roma – Italia

Para as Irmãs Carmelitas Descalças

Roma, 20 de Abril de 2021

Caríssimas Irmãs,

Hoje fazem exatamente 12 anos que fui eleito Superior Geral do Carmelo Teresiano. Na verdade, a minha eleição teve lugar a 20 de Abril de 2009, em Fátima. À pergunta ritual: "Aceita?", penso ter respondido: "Sim, aceito, porque acredito que esta é a vontade de Deus". E em mim acrescentei: "mesmo que (ou melhor: porque) não compreenda absolutamente nada, visto quem sou, a minha falta de experiência (fui Superior Provincial apenas durante um ano e isso numa província pequena), a minha idade bastante jovem para um tal cargo (na altura tinha 50 anos de idade). Ao aproximar-se o fim do meu mandato, se considerar estes 12 anos, só posso dar graças a Deus por me ter chamado a tal responsabilidade. Embora esteja consciente dos meus numerosos erros e de tudo o que poderia ter feito a mais e melhor, agradeço Nosso Senhor, os irmãos e irmãs que me acolheram tão calorosamente e me manifestaram uma gratidão que vai muito além dos meus méritos. Penso ter dado tudo o que tinha e tudo o que sou, seja para o bem ou seja para o mal. Além de tudo, sei que recebi o tesouro de uma família abençoada pelo Senhor, depositário de um inestimável dom de graça para a vida da Igreja e do mundo.

E vocês, queridas Irmãs e Madres, fazem parte desta experiência única, que me formou e mudou em muitos aspetos. Aprendi tanto com e através de vocês. Antes, não vos conhecia bem. Sobretudo, não tinha percebido quão profundo é o vínculo que nos une e quão inseparáveis são e devem permanecer os nossos caminhos. São obviamente distintos, de modo que possa existir aquela complementaridade e enriquecimento mútuos desejados pela nossa Santa Madre Teresa. Mas devemos ser sempre cautelosos de modo a que a distinção e a autonomia não se convertam em distância, o que nos faria estrangeiros, incapazes de relações recíprocas e profundas. Durante os meus dois mandatos mencionei várias vezes a importância da comunhão fraterna e das relações de iguais entre nós: continuo a estar convencido de que esta é uma das modalidades para a renovação da nossa Ordem. Renovar-nos significa renovar as nossas relações. Para o ramo masculino da Ordem, a relação com o ramo feminino não é nem secundária nem acessória: está na origem mesma da sua existência. Para nós, homens, isto foi muitas vezes um pouco envergonhador. Tentámos escondê-lo ou esquecer-lo. Mas cada vez que o fizemos, estivemos quase a perder a nossa identidade e a transformar-nos numa realidade diferente daquela inspirada pelo Espírito Santo a Santa Teresa, ou sendo um grupo eremita ou uma sociedade de vida apostólica. A relação justa entre irmãos e irmãs é o eixo do equilíbrio tipicamente teresiano entre a dimensão eremítica e comunitária, assim como da sua visão

tão pessoal da vida contemplativa (que nunca está separada da história, mas que a assume e a coloca no centro da relação com Deus). Nesta invenção do Espírito chamada "carisma" existe um tal equilíbrio entre os seus diferentes elementos que se um deles viesse a ser debilitado ou suprimido, a harmonia de todo o conjunto seria afetada. Poderia dizer-se que a plenitude da experiência do carisma teresiano, a "beleza do Carmelo", só pode ser vista na integração das duas formas de o viver, a dos irmãos e a das irmãs. Caminhamos com duas pernas, respiramos com dois pulmões, e percebemo-los como nossos, membros do mesmo corpo.

Não tenho a menor intenção de descrever esta relação de uma forma idílica, porque isso seria falso. Não devemos alimentar ilusões, pois elas são rapidamente desmentidas pela realidade. No entanto, devemos ter convicções pelas quais lutar, em primeiro lugar com nós mesmos, e permanecer fiéis no meio das provas e dificuldades. Se refletirmos sobre as nossas relações mútuas, a nível pessoal e comunitário, sentiremos a necessidade nos pedir perdão pelos muitos erros "em pensamentos, palavras, atos e omissões". Apesar disso, uma verdadeira relação só existe e cresce nesta luta entre a luz e a escuridão, entre a resistência do homem velho e as inspirações do homem novo, entre os preconceitos a ultrapassar e a liberdade a conquistar. É um caminho exigente que requer energia, tempo e paixão. Prestar-nos favores uns aos outros é muito fácil. Ao contrário, construir uma relação humana e espiritual sólida na qual se pode confiar, isso é difícil. Mas é exatamente disso que precisamos: apoiar o próximo para descobrir que na realidade somos apoiados e que quando o próximo é ausente, cria-se um vazio que nos pode fazer cair. Santa Teresa diria que é necessário "guardarem-se as costas uns aos outros, os que O servem, para irem adiante"¹.

Se decidi escrever-lhes hoje, não é só para agradecê-las pelas vossas orações e pelo afeto com que me apoiaram durante estes anos, mas também para lhes deixar este convite à Aliança. Para poder levar a cabo o projeto de refundação do Carmelo que Deus lhe confiou, Teresa procurou aliados. Em realidade, encontrou muito poucos, mas sem eles, apesar das graças com que foi abençoada, não poderia ter cumprido a sua missão. O que é impressionante, quando se leem os seus escritos, é a lucidez com que ela reconhece, por um lado, a grandeza da obra a que é chamada e, por outro, a sua pequenez e a necessidade que tem de ajuda humana, conselhos, guias e companheiros na viagem. É por isso que implora continuamente ao Senhor para que lhos dê. Quando encontra irmãos e irmãs capazes de compreender e partilhar a sua aventura, sela com eles um sólido pacto de amizade e uma aliança que vai muito além dos sentimentos e emoções. Teresa sabe que é uma mulher vulnerável na sua relação com os outros. Mas, após uma longa e difícil luta, foi-lhe dada a paz de um coração livre de todas as dependências afetivas. Quanto mais a obra que leva avante se concretiza, mais Teresa se empenha nela com todo o seu ser, lutando e amando, sofrendo e exultando, esperando e tremendo. Teve muitos inimigos, como também poucos amigos verdadeiros, mas foi suficiente para que pudesse prosseguir.

Convém-nos recordar a história e a experiência humana que nos deu origem, porque se sentimos atualmente a necessidade de renascer e de reencontrar o espírito de nossas origens, só o poderemos

¹ *Vida 7, 22*: «es menester hacerse espaldas unos a otros los que le sirven, para ir adelante».

fazer se revivermos as mesmas experiências. Cada nova vida neste mundo passa pelas dores e perigos do parto. Não pode ser nem comprada nem criada com um decreto. Os decretos vêm depois e têm como finalidade reconhecer a obra que Deus fez em nós. Alguns poderão achar a palavra "renascer" excessiva. E no entanto, todas as nossas vidas espirituais são constituídas por tantas mortes e renascimentos. Só assim se mantêm vivas. O caminho de um ser humano não é uma longa linha reta e uniforme. Analogamente, o caminho de uma comunidade religiosa, se não a reduzimos unicamente ao seu aspeto institucional, também não o é. O próprio de uma instituição é ser estável e quantificável em termos de cifras: podemos contar o número de membros de uma Ordem ou de uma comunidade, o número de vocações que entram e que saem, os anos de existência de uma fundação, o número de casas, o valor dos seus recursos económicos. Estes dados são importantes: fazem-nos tomar consciência da realidade objetiva da instituição e permitem-nos projetar-nos no futuro. Mas viver é diferente, é muito mais do que simples administração. Um dos perigos, talvez *o maior* perigo do nosso tempo, é esquecer o que significa viver para um homem e para um cristão. Podemos acabar por nos convencer que uma existência se divide entre o tempo de trabalho, que mantém em funcionamento a estrutura, e o tempo livre, que nos distrai e alivia as nossas tensões. Se por acaso tal visão da vida e da humanidade tivesse penetrado nas nossas comunidades e nos nossos corações, então sim, precisamos realmente de renascer, de fazer meia-volta e recomeçar. Não importa para qual instituição ou empresa trabalhamos, que temos de saber é se também nós nos tornámos parte de um sistema que nos ensina a funcionar e não a ser². De forma similar, corremos o risco de analisar ou de viver a pandemia em que estamos imersos há mais de um ano como simples avaria de uma máquina, e de esperar que volte a funcionar como antes e ainda melhor.

Este não é o lugar para análises filosóficas e sociológicas complexas sobre a época em que vivemos. No entanto, tampouco podemos renunciar a uma reflexão séria, como se o espaço das nossas casas fosse impermeável a tudo o que o mundo de hoje vive. Não é o caso e nem deve ser de outra forma. Nosso Senhor não retirou os seus discípulos do mundo. Pelo contrário, deu-lhes, através do dom do Espírito, a liberdade de não serem do mundo (Jo 15,19). Pertencer-lhe, não é ser do mundo. Isto implica uma luta e uma vigilância constante sobre nós mesmos. Se a nossa atenção já estiver absorvida por outras preocupações, se a nossa liberdade de pensar e agir for fortemente condicionada pelo nosso ambiente, a nossa luta está perdida de antemão. A nossa visão tornou-se turva e já não somos capazes de olhar em profundidade, de discernir os sinais da presença de Deus e os germes do futuro que Ele colocou nas nossas vidas. Privamos assim a Igreja e o mundo do nosso serviço mais autêntico e essencial. De facto, quem melhor do que os religiosos e contemplativos pode ajudar a Igreja e o mundo a descobrir com um olhar límpido e profético o plano de Deus no complexo tecido da nossa história? Lembrem-se da exortação que o Papa Francisco lhes endereçou: “Sede tochas que acompanham o caminho dos homens e mulheres na noite escura do tempo. Sede sentinelas da manhã que anunciam o nascer do sol. Com a vossa vida transfigurada e com palavras simples ruminadas no silêncio, indicai-nos Aquele que é caminho, verdade e vida, o único Senhor que oferece plenitude à nossa existência e dá vida em abundância”. E conclui: “Mantende viva a profecia da vossa existência

² Refiro-me ao livro de M. BENASAYAG, *Funzionare o esistere?*, Vita e Pensiero, Milano 2019.

doadas" (VDQ 6). É precisamente disto que se trata: manter viva a profecia que se encontra no centro da nossa vocação carmelitana-teresiana.

Caras Irmãs, não sou pessimista. Como poderia sê-lo depois de ter estado em relação nos últimos anos com tantas pessoas que amam a Deus e dão as suas vidas com alegria? Creio que o fogo do Espírito não se extingue, mas que, tal como as brasas debaixo das cinzas, está à espera de um novo sopro que o reacenda. Devemos rezar para que este novo sopro de vida se difunda novamente no Carmelo. Mas também devemos ajudar-nos mutuamente para "nos desenganarmos uns aos outros" (*Vida* 16,7), como Santa Teresa gostava de dizer. Já não é o momento de tratar de "negócios de pouca importância" (*Camino* 1,5).

É com tristeza que vejo que muitas vezes nos preocupamos mais das coisas menos importantes e perdemos tempo e energia com aquilo que não dá vida ou que já está morto, enquanto negligenciamos ir às fontes de água viva. Ao longo destes anos, um versículo do livro de Provérbios acompanhou-me, e citei-o muitas vezes. Este versículo foi também particularmente caro a um autor, uma testemunha mesmo, que soube ver com clareza profética os desafios da Igreja do nosso tempo, Dietrich Bonhoeffer. Eis o versículo: "Guarda com toda a diligência o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida " (Pr 4,23). Temo que não guardemos suficientemente o nosso coração, que não o escutemos, que não cuidemos dele e que não o cultivemos. Nele se esconde facilmente o que o antigo Monaquismo chamava "espíritos malignos". A pergunta merece realmente ser posta: Quem está a viver no meu coração? A quem é que dei as chaves? Pensamos que somos nós os donos e queremos sinceramente entregá-lo ao nosso amigo e Senhor, mas em realidade, muitas vezes não é o caso. Sem o perceber, deixámos os "espíritos malignos" entrar em nós e nas nossas comunidades, onde agora se movem livremente e nos conduzem aos impasses da mundanidade.

Temos de falar de tudo isto, de nos apoiar uns aos outros como irmãos e irmãs, de modo a formar uma frente comum contra esta invasão que nos priva da única coisa pela qual vale a pena viver esta vida: a radicalidade de um coração que se entrega sem reservas a Jesus e à sua Palavra. Não necessitamos de retrocessos tímidos ou de progressos ilusórios: ambas as tendências são uma mera fuga do problema que se deve enfrentar. Não é o número de casas, ou vocações, ou a quantidade de atividades que podemos realizar que nos garantirão um futuro digno do nosso passado. É a coragem de perseguir a verdade dentro e fora de nós próprios, de tomar decisões coerentes com o que reconhecemos ser verdade, mesmo que isso não seja o que o mundo espere ou o que sempre foi feito. É óbvio que nos próximos anos seremos cada vez menos numerosos, mas isso não me preocupa. Se nos separarmos, se nos deixarmos distrair pelos interesses do mundo e da carne, muitas vezes disfarçados de forma religiosa e espiritual, aí então sim, teremos muito a temer.

Confio às vossas orações os preparativos para o próximo Capítulo Geral. Sei que não nos vai faltar o vosso apoio espiritual e fraternal. Que Nossa Senhora nos guie e nos ensine a acolher a Palavra e a deixá-la encarnar-se entre nós.

O vosso irmão no Carmelo,

P. Saverio Cannistrà ocd